

**DA CACHAÇA A LIBERTAÇÃO**  
**Mudanças nos Hábitos de Beber do Povo Dâw no Alto**  
**Rio Negro**  
Lenita de Paula Souza Assis  
*São Gabriel da Cachoeira-AM, 2001*  
Revista Antropos – Volume 1, Ano 1, Novembro de 2007  
ISSN 1982-1050

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho à memória de meu pai e à minha mãe, amigos fiéis que sempre me ensinaram a buscar com perseverança o caminho do saber.

Ao meu amado esposo Elias, ao meu querido filho Daniel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, que tem me dado vida e saúde e o privilégio especial de por dez anos viver entre o povo Dâw, junto com meu marido Elias e meu filho Daniel.

Também sou grata as amigas e companheiras de trabalho Rosani Mendes, Luzineide Moura que de modo especial contribuíram para que uma igreja se formasse no meio do povo Dâw.

De modo especial, sou grata aos Dâw, que de maneira simples me ensinaram a conhecer parte de sua vida e de sua história. Pela amizade e confiança que depositaram em mim, ao relatar seus momentos de dificuldades na penosa caminhada de vida que tiveram no passado.

Carinhosamente, agradeço ao meu esposo e colega de equipe, Elias Coelho de Assis, pelo seu apoio, sua colaboração na checagem de dados, suas críticas e sua preciosa ajuda na elaboração deste trabalho.

Também sou grata ao meu filho Daniel por sua cooperação e paciência nos momentos em que precisava estar ausente.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### 1. BREVE RELATO SOBRE A QUESTÃO DO ALCOOLISMO NO MUNDO

1.1 A problemática do alcoolismo nas sociedades contemporâneas: questões e impasses 10

1.2 Alcoolismo e marginalização: elementos de desorganização de grupos minoritários 15

#### 2. O ALTO RIO NEGRO: SUA HISTÓRIA E SUA GENTE 21

2.1 Geografia do Alto Rio Negro 21

2.2 Retrospectiva histórica da região 22

2.3 População e etnografia do Alto Rio Negro 29

2.4 Os povos da família Maku 32

2.5 Os Dâw 35

#### 3. O CAXIRI: O PROCESSO DE FABRICAÇÃO E SEU CONSUMO 41

3.1 O processo de fabricação 41

3.2 O consumo do caxiri pelos Dâw 43

#### 4. A CACHAÇA: PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO NOS HÁBITOS DE BEBER 47

4.1 Os fabricos e condições históricas de sobrevivência 47

4.2 O uso do álcool como instrumento de dominação e alienação do grupo 52

4.3 O ato de beber e suas conseqüências para a organização social dos Dâw 55

CONSIDERAÇÕES FINAIS 63

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 66

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta relatar a situação de mudanças de hábitos ocorridas entre o povo Dâw, habitantes da margem direita do Alto Rio Negro, confronto à cidade de São Gabriel da Cachoeira. Especialmente, trata-se de verificar o fato de que o uso tradicional e lúdico do caxiri ingerido em ocasiões especiais e socialmente controladas acabou cedendo lugar para o uso freqüente e dependente da cachaça e álcool doméstico. Depois, através de um trabalho de intervenção por parte dos missionários da missão Alem, a maioria do povo está deixando de se embriagar e vivendo com maior qualidade de vida.

Os Dâw ocupam, junto com os demais grupos Maku, um lugar inferior no sistema hierárquico dos grupos indígenas da região do Alto Rio Negro, fator freqüente de discriminação social. A população regional refere-se ao povo pelo nome de "kamã", termo pejorativo e pelo qual não gostam de ser chamados. O termo Dâw é a autodesignação do povo e significa "pessoa", "gente". Eles vieram para São Gabriel, fugindo de outros índios. Na cidade, acabaram sendo inseridos no processo de economia local. Foram explorados por regatões e patrões que utilizaram sua força do trabalho na extração de produtos da floresta de forma intensiva e barata.

Os Dâw é atualmente um grupo reduzido de pessoas e o decréscimo populacional também está diretamente ligado ao uso do álcool. Analisando o número de óbitos de adultos nos últimos dez anos, verificamos que a maioria deles está ligada direta ou indiretamente ao consumo do álcool como, por exemplo, casos de morte por afogamento na travessia do rio no sentido cidade-sítio que ocorreram num estado de embriaguez.

Para a elaboração do presente trabalho, tive acesso a três trabalhos no Brasil. O primeiro, “Alcoolismo entre os Kaingáng: do Sagrado e Lúdico à Dependência”, foi apresentado por Marilene de Oliveira, no "Seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às DST/AIDS entre os povos indígenas na macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul entre 14 a 16 de abril de 1999". Nesse trabalho, a autora discorre sobre o uso de bebidas fermentadas entre os índios Kaingáng da região de Londrina no Paraná. O outro trabalho a que tive acesso foi, “Alcoolismo entre os Bororos”, no qual a autora Renate B.Viertler faz uma análise da situação de alcoolismo entre índios. E o terceiro é um projeto de pesquisa em andamento sobre “Representação Social do alcoolismo entre os Pankararu” realizada por Renato Athias sobre os Pankararu que habitam no Estado de Pernambuco.

Também tomei conhecimento de um trabalho escrito por J.A. Souza "Prevalência do Alcoolismo na População Indígena da Nação Terena do Complexo Sidrolândia, Colônia Dois Irmãos do Buriti". Vivi na região mencionada entre 1980 a 1981, quando percebi a seriedade do problema do álcool entre aquele povo.

As razões que me motivaram a realizar o presente trabalho foram: a) a convivência com os Dâw e com as conseqüências da dependência alcoólica que, há dez anos atrás, atingia toda a população adulta. B) a busca de elementos que ajudem a compreender como o consumo abusivo da cachaça e do álcool etílico, elementos de alienação, destruição física e desorganização social, substituíram o consumo tradicional, lúdico e controlado do caxiri; c) as atividades realizadas no nível de conscientização

através do trabalho de evangelização, saúde e educação entre o povo por quase dez anos.

O presente trabalho está dividido em 4 capítulos. No primeiro foi feita uma abordagem sobre questões e impasses que mostram o alcoolismo como um problema mundial.

O segundo capítulo tem como título, “O Alto Rio Negro: sua história e sua gente”, e é usado para descrever a geografia, a história e a população que habita a região do Alto Rio Negro. Baseado em diversos dados históricos e etnográficos, busca-se fundamentos para localizar onde e como o povo Dâw está inserido dentro das sociedades indígenas da região e na economia de mercado local.

No terceiro capítulo, descreve-se o processo de fabricação do caxiri, bem como sua utilização tradicional e lúdica. Também, explicita-se como os Dâw, através do contato com os índios ribeirinhos, começaram a incorporar novos elementos na fabricação e na utilização do mesmo.

O último capítulo aborda a questão das condições históricas de sobrevivência dos Dâw, mais especialmente durante o período extrativista. Descreve como a cachaça e o álcool de uso doméstico foram sendo utilizados pelos patrões, como instrumentos de dominação e alienação dos Dâw. Descreve ainda como a exploração que atingiu o grupo influenciou no ato de beber, transformando aquilo que era uma atividade de socialização, elemento presente apenas nas festas, em algo freqüente e descontrolado, gerando inclusive ampla alienação do indivíduo para consigo e para com o seu povo.

## 1. BREVE RELATO SOBRE A QUESTÃO DO ALCOOLISMO NO MUNDO

### 1.2. A problemática do alcoolismo nas sociedades contemporâneas: questões e impasses

De acordo com Maggie Bready, no livro "The Grog Book" (1998), pessoas em todo o mundo têm feito bebidas com álcool há milhares de anos. No antigo Oriente Médio, isto começou entre pessoas que viviam à margem de desertos plantando cevada. As mulheres colocavam na água os grãos para germinar e deixavam por algum tempo. A água deste molho formava um tipo de goma, ou malte, uma bebida que, uma vez acrescentados aos outros cereais era ainda mais fermentada e pisada com os pés, em seguida era peneirada, o que a tornava uma bebida alcoólica. O conhecimento desse processo foi difundido para outras regiões, incluindo Grécia, Egito e China.

Este conhecimento posteriormente chegou à Europa Ocidental, onde os germânicos chamavam a bebida de "bior" e os ingleses de "beer". Eles também passaram a utilizar maçãs e a cidra, ainda que a cerveja continuasse a ser a primeira dentre as muitas bebidas alcoólicas na Inglaterra por um bom tempo. Por exemplo, pessoas no século XIII a consumiam no café da manhã, no jantar e na hora do chá. Pessoas em diferentes lugares do mundo conseguiam fazer cerveja de diferentes tipos de frutas e cereais. Os povos germânicos faziam cerveja de trigo, os chineses e japoneses, de arroz, enquanto os africanos usavam uma goma de sorgo que trituravam. Alguns povos indígenas do Brasil e no restante das Américas usam milho, frutas, derivados da mandioca e de tubérculos para

produzir diversos tipos de bebida alcoólica. Vinhos de uvas, figos e tâmaras eram produzidos no antigo Egito há cerca de 7.000 mil anos atrás. Todas as populações que viviam ao redor do Mediterrâneo nesta época produziam vinho que guardavam em grandes jarros de barro. Cada povo da Europa preferia usar diferentes tipos de bebidas alcoólicas; alguns preferiam o vinho, outros, a cerveja ou outros tipos de bebida, como whisky, gin, rum, vodka.

Para muitas pessoas ao redor do mundo, usar o álcool é positivo, uma vez que ajuda a relaxar e a tornar a pessoa que bebe mais espontânea e extrovertida. Permite-se a pessoa que está embriagada, dizer coisas, falar de sentimentos sem, entretanto, assumir responsabilidades. Em muitas sociedades, o álcool é usado em cerimônias tradicionais e os cristãos inclusive, fazem uso do vinho em suas celebrações. Entretanto, para outras pessoas, o álcool não é visto de maneira positiva, devido às conseqüências geradas pelo uso abusivo do mesmo. Estas pessoas alegam essa negatividade, partindo do princípio que este é uma droga que altera o funcionamento do corpo, muda seus pensamentos, ações e sentimentos. E todas as coisas ao redor sofrem influência dessa mudança.

Em pesquisa entre os aborígenes na Austrália, Maggie Brady (*idem*) numa entrevista na qual perguntava se o álcool era ou não um problema, 76% dos aborígenes responderam que era. Ela constatou ainda que 75% dos homicídios entre eles, estavam ligados ao uso do álcool, além de brigas entre casais, prisões e mortes acidentais.

De acordo com Graciela Radaman e Maria Carolina de Freitas, em página da Internet ([www.unorpn.net.com.br/leiaja/alcoolismo.htm](http://www.unorpn.net.com.br/leiaja/alcoolismo.htm)), 10% da população mundial é atingida pelo alcoolismo. Elas mencionam uma pesquisa realizada pelo americano George Vailant, da Universidade de Harvard, pesquisador do tema do alcoolismo há trinta anos, conforme a qual o alcoolismo é uma doença crônica que afeta o sistema nervoso central. Na opinião dele, essa doença seria o resultado de um cérebro que perdeu a capacidade de decidir quando começar e quando parar de beber.

No entanto, existem controvérsias sobre a questão do alcoolismo ser de fato uma doença ou não. De acordo com Maggie Brady (1998), a idéia de que o alcoolismo é uma doença começou há 200 anos atrás nos EUA. Esta idéia surgiu a partir do pensamento de pessoas que não conseguiam parar de beber, apesar de grande esforço. Chamavam isso de "doença da vontade". Era um desejo forte e ardente por bebidas alcoólicas, que, de acordo com eles, dominava o coração e a mente. Junto com a idéia de "doença", para resolver o problema, surgiu a idéia de abstinência, ou seja, o pensamento de não se tomar bebida alcoólica em hipótese alguma, e cujo lema seria a sobriedade absoluta e total. Diversas campanhas nesse sentido foram desenvolvidas nos EUA e Inglaterra. Ao defender essa "bandeira", as maneiras de se pensar sobre o assunto foram alteradas em todo o mundo.

Muitos países, incluindo o Brasil, foram influenciados por essas idéias. Diversos programas foram criados, visando levar o indivíduo que se excedia no uso do álcool a se convencer de que era portador de uma doença física e mental que poderia levá-lo à morte se não se cuidasse. Por isso, precisava passar por um tipo de tratamento especial. Esse tratamento

consistiria na abstenção completa e total do consumo de bebidas alcoólicas pelo resto da vida, uma vez que a "doença" alcoolismo é incurável. Até 1950, era muito comum referir-se ao alcoolismo apenas como uma doença.

Entretanto, em muitos trabalhos feitos na Europa e Austrália, a idéia do alcoolismo como doença tem sido derrubada por diversas pesquisas e teorias. A própria Organização Mundial de Saúde (OMS), responsável pela classificação de doenças em todo o mundo, desde 1977 não classifica mais o alcoolismo como doença. Atualmente, esta organização se refere a problemas no consumo e abuso do álcool e da auto-dependência como síndromes. Teorias sobre a dependência alcoólica têm mudado com freqüência influenciadas por fatores históricos, sociais e políticos.

De acordo com Maggie Brady (1998), pesquisadores que têm feito estudos sobre esse assunto dizem que não têm evidências científicas que possam provar que, de fato, o alcoolismo é uma doença. Esses pesquisadores não negam a seriedade dos problemas gerados por indivíduos com longa história do consumo abusivo do álcool, tais como distúrbios no relacionamento familiar e social ou mesmo o surgimento de doenças físicas e psíquicas conseqüentes do abuso do álcool. Entretanto, muitas pessoas, ao serem conscientizadas de problemas relacionados ao consumo abusivo do álcool, especialmente na área da saúde, conseguem deixar de beber completamente. Se, de fato, o alcoolismo fosse uma doença essas pessoas jamais conseguiriam parar de beber apenas mediante conscientização.

Mais recentemente, tem-se concluído que muitos problemas de ordem física e social com o álcool não são causados apenas por "fraquezas individuais" ou pelo efeito de substâncias. Eles são também resultados da interação do indivíduo com o ambiente social em que ele está inserido, como afirma Margie Brady. Ela cita ainda um livro chamado "Drunken Comportament", escrito por C. MacAndrew & R B Edgerton (1969), que descreve como diferentes sociedades e culturas ensinam o modo de se comportar, mostrando que as pessoas aprendem a se comportar enquanto bebem e quando estão embriagadas de acordo com a situação e o meio ambiente social.

O ambiente social e cultural é provavelmente a mais importante influência sobre o ato de beber, pois condiciona o tipo de bebida a ser consumida, como se bebe, onde beber, com quem beber, como se comportar e o que se espera de quem bebe. O ambiente inclui fatores como o que as pessoas pensam e crêem sobre o álcool, as regras locais e, além disso, quanto beber, como conseguir e utilizar a bebida. O ambiente social e cultural faz toda a diferença. Isto pode causar maior ou menor dificuldade para a pessoa tornar-se ou não dependente do álcool. O ambiente está ligado à infância, ao crescimento, às condições de sobrevivência, à situação econômico-social, à religião, à espiritualidade e ao modo como o álcool é consumido naquela cultura.

1.5 Alcoolismo e marginalização: elementos de desorganização de grupos minoritários

Nos diversos países com grande número de imigrantes ou grupos étnicos distintos, como é o caso das populações indígenas, nota-se que o problema de consumo abusivo do álcool é maior entre estes grupos do que no restante da população nacional. Nos EUA, de acordo com relatório do National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (NIAAA, 2001), negros, hispânicos, asiáticos e imigrantes das Ilhas do Pacífico bebem mais do que os brancos e utilizam, proporcionalmente mais que os brancos, os serviços de saúde pública devido a problemas com alcoolismo (<http://www.americoncel.com>)

O relatório afirma ainda que problemas com população em processo de imposição cultural estão diretamente ligados ao uso e abuso do álcool. Como exemplo, citam dados entre mulheres imigrantes do México. Na primeira população de mulheres imigrantes, encontram-se 75% de mulheres que se abstêm de bebidas alcoólicas, já na terceira geração apenas 38% se abstêm, as demais bebem de maneira regular ou abusiva.

Esse tipo de situação também pode ser percebido entre sociedade envolvente e grupos indígenas, seja no Brasil, seja nos outros países como é o caso na Austrália. Apesar da prática comum do consumo de bebida fermentada pelos aborígenes, a introdução de bebidas destiladas bem como a presença de europeus em suas terras alterou demasiadamente seu comportamento. De acordo com o relatório do livro do Conselho de Saúde da Austrália (Commonwealth of Australia, 1995), os aborígenes usavam drogas estritamente controladas através de leis tradicionais e cerimoniais que eram reforçadas por um complexo tipo de parentesco, associado a um

trabalho de trocas estipulado onde e como aquela substância poderia ser utilizada.

Especialistas em estudo sobre alcoolismo entre os aborígenes relatam que, antes da colonização, o álcool era bastante consumido, tradicional ou culturalmente. Mas, como já foi observado, havia um controle social. Através do contato, houve a destruição das autoridades tradicionais pelos colonizadores. Eles dizem que a organização sócio política enfraqueceu, sendo que os líderes tradicionais perderam autoridade, poder e controle. Ao mesmo tempo, não foi colocado nem um outro mecanismo de controle social capaz de regular o comportamento dos indivíduos ou influenciar sua maneira de agir.

O mesmo Conselho de Saúde observa que não há dúvidas de que a situação dos aborígenes na Austrália nos dias atuais, está diretamente ligada ao processo histórico por eles vivenciado. Entretanto, apenas fatos históricos não são suficientes para explicar toda a problemática que envolve o assunto. A questão do alcoolismo no meio indígena, em diferentes partes do mundo, parece ser mais complexa do que se pode imaginar e, apesar dos diversos estudos feitos especialmente fora do Brasil, ainda não se têm conclusões concretas e seguras. Todavia, a questão das pressões colonialistas e de imposição cultural, bem como as conseqüências envolvidas no processo, sempre estão presentes.

Na Austrália, uma grande proporção de aborígenes está envolvida com a justiça devido ao abuso do álcool. Isso mostra um trágico impacto em suas vidas e culturas, inclusive levando-os à marginalização social, tanto

diante da sua sociedade quanto da envolvente. Em muitos lugares, quando surgem problemas entre os aborígenes devido ao abuso do álcool, a polícia é chamada e intervém, não usando os costumes tradicionais para garantir a lei, mas sim suas próprias regras e justiça. Esse tipo de intervenção é claramente insatisfatório para ambos, tanto para o oficial da justiça que está obrigado a responder à chamada quanto para a comunidade que sente que a intervenção da polícia não é apropriada. Apesar disso, o grupo chama a polícia como uma possibilidade de resolver o problema do abuso do álcool em suas comunidades.

A interferência da polícia, assim como todo o processo de colonização, atingiu o sistema de controle social, bem como a perda de posse de terras, a interferência no sistema de parentesco, a destruição de recursos econômicos e dos mecanismos de controle social. Todos estes fatores apontam como sinais de desapontamento dos aborígenes. Conforme o mesmo livro, o álcool não representa a causa principal dos problemas indígenas. A causa é essencialmente política, econômica e histórica. O consumo do álcool e sua auto-dependência é um comportamento que reflete respostas individuais para um desapontamento coletivo.

No Brasil, podemos citar, dentre vários, o caso dos índios Bororo-Mt, Kaingáng-PR, Terena-MS, Guarani- Kaiowá- MS, Pankararu-PE, Maxacali-MG e Dâw-AM. Os impactos sofridos pelos mesmos durante o processo de colonização, levou-os a perdas irreversíveis de parte de suas terras e de sua gente, levando-os a adotarem diferentes estratégias para conviver e sobreviver dentro de uma nova realidade. A consideração de Vietler

abaixo, com certeza, é também válida para inúmeros povos indígenas brasileiros:

*"Com as transformações geopolíticas e ecológicas acarretadas pelo processo de ocupação da região antes explorada e habitada pelos bororos, a submissão e a vassalagem, antes de cunho predominantemente político, cedeu lugar a formas cada vez mais profundas de dependência socioeconômica aceleradas pela incidência maciça de conflitos e doenças." (Vietler, p. 246)*

De acordo com Vietler, por causa do contato com os colonizadores, os Bororo para se manterem, tornaram-se especialistas de funerais e se transfiguraram em grandes consumidores de bebidas alcoólicas, especialmente nos últimos trinta anos. O consumo sistemático de bebida alcoólica, engendrado por conflito intrapsíquico, levou-os inclusive a ganhar a alcunha de "beberrões" em nível intertribal e interétnico. Esses indivíduos marcaram inexoravelmente o psiquismo dos seus filhos, deixando seqüelas emocionais e físicas. Traumas decorrentes de violências sofridas por parte dos pais que se encontravam alcoolizados, levaram os filhos a enveredarem pelo mesmo hábito. O alcoolismo torna-se assim um hábito aprendido e passado de geração a geração.

Renato Athias, em sua pesquisa sobre o alcoolismo entre os Pankararu, mostra que esta situação de consumo abusivo do álcool tem gerado diversos problemas sociais e físicos, um exemplo é a

vulnerabilidade dos mesmos paras doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS.

*“O alcoolismo aparece hoje como o principal facilitador de situações de vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Pankararu, bem como um dos principais agravos à saúde, gerando conseqüências como violência, morte por causas violentas, agressões domésticas.”(2001, p.5)*

De acordo com esses dados, pode se inferir que a desagregação cultural algumas vezes pode dar lugar a um tipo de marginalização. De acordo com Florestan Fernandes, marginal é o indivíduo que se encontra na divisa de duas culturas sem, no entanto, pertencer a nenhuma delas:

*"É indivíduo que por meio de migração, educação, casamento ou outras influências deixa um grupo social ou cultura, sem realizar um ajustamento satisfatório a outro, encontrando-se à margem de ambos e não estando integrado em nenhum". (1975, p. 84)*

O indivíduo marginal encontra-se em dúvidas na hora de escolher entre os padrões de comportamento diferenciados pelas duas culturas. Na hora de resolver seus problemas, ele entra em confronto próprio com coisas que ora aceita, ora repele das duas culturas, tornando-se extremamente sensível para consigo mesmo e para com os outros. Desenvolve sentimentos de inferioridade, recalcamientos, psicoses, certas compensações, suicídios, crimes, etc., que constituem os sintomas da crise, manifestando-se com

maior ou menor intensidade em sua duração. É um drama psicológico, que pode levar tempo até ser completamente sanado:

*"É pois uma crise psíquica que ocorre nas esferas da personalidade (...) E como crise psíquica, individual, é preciso assinalar que não se trata de um fenômeno permanente." (Fernandes, 1975,p.(84-85).*

Como podemos observar, o problema do alcoolismo está presente em diversos grupos indígenas no Brasil, isso inclui povo indígena Dâw, habitantes da região norte próximo a cidade de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro.

## **2. O ALTO RIO NEGRO: SUA História E SUA GENTE**

### **2.1 Geografia do Alto Rio Negro**

O rio Negro é afluente pela margem esquerda do Amazonas e origina-se, com o nome de Guainia, na Colômbia, entre as cabeceiras do rio Içana e do rio Inirida. Tem 1.784km e uma superfície de 300.000 km<sup>2</sup>. É livremente navegável de Manaus até Santa Isabel do Rio Negro. Depois desse trecho, suas águas tornam-se encachoeiradas, com fortes corredeiras. De acordo com Oliveira, (1992), existem diversas opiniões com respeito à razão de sua cor escura. Alguns dizem ser devido à presença de algas microscópicas ou de minerais em dissolução, outros dizem que é devido ao tipo de solo encontrado na região, pobre em nutrientes e sujeito a laterização em áreas de desmatamento. De modo geral, o solo é pobre em nutrientes, o que

dificulta as atividades agrícolas, que por isso mesmo são feitas em pequena escala.

Devido ao teor ácido da água e a pouca quantidade de matéria orgânica em suspensão, no Rio Negro, o ciclo econômico obedece à variação das duas estações, de chuva, entre abril a setembro, e de seca, nos meses restantes. Na estação das chuvas, a inundação de grandes áreas de terras firmes dificulta a coleta e a caça. Já, no período da seca, a alimentação torna-se mais abundante em proteínas advindas tanto da caça quanto da pesca.

O Rio Negro comunica com várias bacias locais formando uma espécie de labirinto de canais que se ligam entre si ou comunicam com outras bacias. Conforme Oliveira (1992), desta forma estabelece-se conexão com o rio Orinoco na Venezuela, pelo canal do Cassiquiari. De seus afluentes Uaupés, Içana e Xié, partem outros canais conectantes que marcam os territórios ancestrais e míticos das populações indígenas locais, além de servir como áreas de fronteiras nacionais entre o Brasil e a Colômbia.

Dos rios que compõem a bacia hidrográfica do Negro, o Uaupés é o maior afluente, abrigando em seus 750km de extensão grupos de língua Tucano, bem como parte dos grupos Maku (Hupda e Yuhup) e Tariana (Aruak). Um segundo afluente é o Rio Içana, que de acordo com Koch-Grunberg tem aproximadamente 350 km. É habitado pelos Baniwa e Kuripako, povos de língua Aruak. Outros grupos tais como os Werekena são encontrados ao longo do Rio Xié. Outros afluentes significativos são o Marié e o Curicuriari, habitados tradicionalmente pelos Dâw, assim como o Têia, o Uneiuxi e o Jurubaxi, habitados pelos Nadeb e Kuyawi.

## 2.2 Retrospectiva histórica da região

Em 1759, o vigário geral do rio Negro, José Monteiro de Noronha, em seu relatório sobre a viagem que fez desde o Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses entre os Rios Amazonas e Negro (Colleção de Notícias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses ou lhe são visinhas. Academia Real das Sciencias, Tomo VI, Lisboa 1856), menciona o nome de vários grupos indígenas na região do Papuri, Uaupés e rio Içana. Cita que alguns índios tinham o costume de furar os lábios e beijo inferior e trazer no peito uma pedra "*branca, bem levigada de figura cylindrica de huma polegada de diametro*" como *insignia de nobreza*. (Buchillet, 1997).

De acordo com Oliveira (1992), registra-se na região um movimento de expansão religiosa que se caracteriza, principalmente, pelo espírito de catequese e a civilização de povos considerados, pelo projeto científico da época, como "primitivos" ou como "sobrevivências" culturais de um passado remoto na escala de evolução humana. Há notícias de que o Alto Rio Negro tenha sido área de perambulação missionária desde o século XVII, através de missionários jesuítas, franciscanos e carmelitas e capuchinhos. Apesar de uma presença eventual, foram pioneiros no trabalho de redução e descimento dos povos indígenas que habitavam a região.

Em 1669, a colonização portuguesa alcançava o Rio Negro e edificava a Fortaleza de São José (ou Barra) do rio Negro (a atual Manaus), na confluência do rio Negro com o Amazonas. A criação desta fortaleza tinha como propósito legitimar as ambições dos portugueses no Solimões contra

os espanhóis e estabelecer um campo de base para a exploração de territórios indígenas e a captura dos mesmos como escravos. Na realidade, desde 1657 os povos do baixo rio Negro começaram a se confrontar com invasões em seus territórios. Nesta época uma expedição dirigida por Francisco Veloso e Manoel Pires tomou com escravos, mais de 600 índios Aruak.

Nesta época havia, duas maneiras oficiais para se conseguir índios como escravos: as "tropas de resgate" que eram tropas destinadas a punir os grupos que tivessem cometido algum ato de hostilidade para com os europeus sem serem provocados, foram encarregadas de tomar como escravos o maior número possível de índios; a segunda era as chamadas "guerras justas" que deviam trocar bens europeus por cativos com chefes de grupos "amigos". Estes trocavam com os europeus, os inimigos de outros povos que tinham sido conquistados e estavam sendo subjugados:

*"A lei precisava que todo índio encontrado num povoado atado e "em perigo" de ser comido devia ser comprado. Guerras intertribais e prática do canibalismo eram assim consideradas como "causas justas", permitindo as tropas oficiais obter cativos nos povoados aliados, ou empreender uma guerra de represália contra as tribos hostis. Várias incursões oficiais comandadas pelo Governador do Estado do Maranhão e Grão Pará e contando com a presença de um Padre jesuíta, que de acordo com a lei, devia legitimar as "pegas" ou "peças"- ou seja, determinar em quais circunstâncias os índios*

*foram feitos prisioneiros e se eles poderiam ser considerados como legítimos escravos - foram assim organizadas e fizeram um grande número de cativos, o rio Negro aparecendo como uma fonte lucrativa de trabalho indígena. " (Buchillet, 1997, p. 15)*

Juntamente com esse tipo de "controle" oficial, eram feitas também incursões à procura de escravos por parte de colonos e missionários jesuítas que tentavam povoar as aldeias ou os centros missionários através das "descidas" de índios:

*"(...) resgatados, preados ou como se dizia "domesticados" eram índios a única mão de obra para as explorações que se encetavam" (Galvão,1979, p.141).*

*"Os índios foram sempre considerados "uma droga do sertão", que era arrancada do mato. Mas eles constituíam uma "droga" especial, porque eram os únicos capazes de produzir outras "drogas" (Bessa Freire, 1991, p. 42).*

Os índios "descidos" eram também chamados de "índios de repartição" ou "índios livres". Eram todos aqueles que, por "espontânea vontade", isto é, sem oferecer resistência armada, foram convencidos a descer o rio. Os descimentos eram expedições, em princípio não militares, realizadas tradicionalmente pelos missionários com o objetivo de persuadir as comunidades indígenas que descessem de sua aldeia de origem para os aldeamentos das missões situadas nas proximidades dos núcleos coloniais. Pela lei de 1611, os descimentos passaram a ser realizados com escolta

militar comandadas por colonos que tinham a função de distribuição de índios para o trabalho, por isso era chamado de "capitães da Aldeia".

Após serem descidos, esses índios eram "estocados" nas chamadas "aldeias de repartição" para serem alugados e distribuídos, ou seja, "repartidos" entre os colonos, missionários e o serviço real da Coroa Portuguesa. Não eram considerados escravos pois ganhavam "salário", que correspondia a *"duas varas de pano de algodão por mês (2,20 metros de pano). Este pagamento vigorou por 100 anos sem ser modificado, e não era suficiente na época nem para comprar uma faca ou anzol"* (*idem*, 1991, p. 47)

De acordo com Buchillet (1997), diversas expedições oficiais foram organizadas entre 1730 e 1750 no Alto rio Negro fazendo um grande número de cativos. Grupos inteiros foram aniquilados nessas ocasiões. Essa situação provocou um certo "esvaziamento" das aldeias na região. Muitos índios eram levados para os descimentos, outros fugiam para o interior da floresta, deixando assim com aparência de "abandono" a região.

Ainda nesse período, temos histórias de rebeliões; dentre as mais conhecidas, temos a história de Ajuricaba, o famoso chefe dos Manaus, que atacou em 1723 a tropa de Manoel de Braga. Esse fato motivaria a declaração de "guerra justa" dos portugueses contra os Manau. Conta a história que quando foi capturado pelos portugueses, Ajuricaba se suicidou, jogando-se nas águas preso aos ferros, onde morreu afogado.

Galvão, mencionando Tenreiro Aranha, comenta sobre o abandono e despovoamento das aldeias na ocasião e atribui como causa principal, os recrutamentos:

*"recrutamentos desregrados que nelas faziam as autoridades policiais ou os comandantes militares de S. Gabriel, Marabitanas e Cucuí de adultos para o exército e armada para remeiros das montarias de expressos das fronteiras ou do correio, para trabalhadores nas obras públicas da capital ou das fortificações nas fronteiras e de curumins, cunhãs e cunhamukus para presenteá-los como chirimbabas aos afortunados e potentados " . (Tenreiro Aranha apud Galvão, 1959)*

Dentre as diversas obras realizadas com mão de obra do Alto Rio Negro nesse período, temos a construção da fortaleza de Macapá feita por índios "descidos" do rio Negro. (Artur Reis apud Galvão, 1979).

Apesar de toda a exploração sofrida, parte da população indígena resistiu ao processo de assimilação ou de extinção, dirigindo-se para áreas menos devassadas onde puderam até o presente manter sua autonomia tribal. Além disso, outros fatores como a pouca produtividade de algumas áreas, e a dificuldade de sua exploração pela falta de meios de comunicação, contribuiu para dificultar a exploração de alguns grupos. Trechos encachoeirados tornavam-se obstáculos naturais para a navegação, mesmo embarcações leves, e transformaram rios como o Içana e o Uaupés e alguns outros afluentes em áreas de refúgio.

De acordo com Galvão (1979), os povos indígenas que restaram não ficaram totalmente isolados. Inovações como os instrumentos de ferro, armas de fogo, tecido e um sem números de quinquilharias passaram a ser

utilidade para os índios. Estes, para obtê-las, até hoje em dia, recorrem ao escambo de seus produtos agrícolas ou "alugam" seus braços nos campos da indústria extrativa. Sendo o Alto rio Negro, uma região pouco povoada, o trabalho do indígena é de suma importância para a economia local. Regatões e empreiteiros periodicamente se embrenham para o alto dos rios afim de aliciar índios, facilitando-lhes crédito e fornecimento de mercadorias a troco do trabalho extrativista. Presos por esses débitos, muitos indivíduos se deixam ficar ou são obrigados a viver longas temporadas longe de sua aldeia. Ao retornar, são eles, por força de novos hábitos adquiridos, agentes modificadores da cultura local.

Um outro agente modificador da cultura local foi o Nheengatu, uma língua usada pelos missionários jesuítas, uma língua de missionalização e colonização, variante do Tupi falado no litoral brasileiro, que acabou tornando-se a língua de comunicação entre os portugueses e os diferentes povos indígenas da Amazônia. Esta língua foi utilizada tanto nos descimentos quanto para os índios que habitavam o rio Negro, passando inclusive a substituir totalmente línguas indígenas, como por exemplo o Baré e, em certas partes do rio Içana, o Baniwa.

De acordo com o Oliveira, Pozzobon e Meira (1994), muitos aspectos da história de exploração do século XIX repetiram-se no século XX. A presença dos "regatões" intensificou a exploração da mão de obra indígena nos seringais, piaçabais e balatais. A memória oral indígena ressalta a ação violenta de diversos comerciantes que inclusive espancavam os índios. O sanitarista Oswaldo Cruz, em um relatório sobre a situação médico-sanitária do vale do Amazonas, escreve o seguinte:

*"Os trabalhadores de seringais neste barracão são quase todos índios de diversas tribos. Apresentam-se aqui, como em todo o Rio Negro numa condição física e moral das mais precárias, sendo os homens de estatura pequena, de constituição pouco robusta e de aspecto geral pouco simpático. As mulheres são extremamente feias (sic), muito precocemente envelhecidas, ou melhor, trazendo desde a mocidade estigmas da velhice. Predomina em ambos os sexos a mais extrema indolência. Só trabalham forçados pelo proprietário e o fazem sem qualquer ambição de fortuna, visando exclusivamente à própria manutenção, contentando-se com pequenas dádivas de roupas, aguardente, etc. Pelo que dada essa inferioridade nos indivíduos dessa raça (sic), são eles muito explorados aí pelo branco, tendo no Rio Negro, mais do que em qualquer outro, a exata impressão de escravidão".*  
(apud Oliveira, Pozzobon e Meira, 1994)

Para os autores que escreveram o livro "Los Nukak" (Becerra, Calvo e Rubio, 1999), que trata de um povo Maku da Amazônia Colombiana, os efeitos das diversas economias extrativistas na vida dos índios da região resultaram no extermínio físico de parte dessas populações e na expropriação territorial e física do meio, com a destruição de extensas áreas da floresta, na alteração das relações sociais entre os distintos povos (intercâmbios de produtos, alianças matrimoniais, etc.) e nos seus próprios padrões culturais, no exemplo da mão-de-obra através de processos escravistas, no sistema de débitos, no trabalho assalariado com integração à

economia de mercado; na diminuição demográfica, inclusive no extermínio de povos inteiros devido a doenças e epidemias.

### 2.3 População e etnografia do Alto Rio Negro

De acordo com Buchillet (1997), a região do Alto Rio Negro tem ocupação humana desde aproximadamente 6.000 anos a.C, conforme dados arqueológicos verificados em restos de carvão, material lítico e artefatos de cerâmica. Historicamente, é reconhecida como uma região de ocupação contínua dos povos Tukano orientais, Aruak e Maku .

Para Nimuendaju, (1982), a região teria sido habitada num primeiro tempo por povos de cultura simples com base na caça e coleta, cujos representantes modernos seriam os chamados Maku. Mais tarde, povos vindos do Norte, de origem Aruak, possuidores de agricultura, cerâmica, navegação e de organização social baseada em clãs exogâmicos, teriam dominado os povos mais simples e ocupado o Rio Negro, inclusive aruaquizando parte desses grupos. Tempos depois, um segundo grupo chegou à região, constituído por grupos Tukano vindos do Oeste e de cultura menos sofisticada, ocupando o rio Uaupés e deixando-se influenciar pelos Aruak. Durante o correr dos séculos de contato destas três culturas, naturalmente ocorreram numerosos fenômenos culturais, eliminando em parte as linhas divisórias existentes no povoamento da área. (apud Galvão, 1979)

Além dos dados arqueológicos, lingüísticos e da tradição oral, dados históricos também mostram que essa região era povoada por esses três grandes grupos. Colonizadores tomaram conhecimento da região por volta

de 1541, através de expedição feita por Francisco Orellana e narrada pelo cronista frei Gaspar de Carvajal, que passaram pela foz do rio Negro. Esses relatos mostram que a região naquela época era grandemente povoada por populações indígenas. Viagens mais recentes de pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, também comprovam que havia na região do alto Rio Negro a existência desses grupos. O processo colonizador atingiu a região do Alto Rio Negro, gerando um novo tipo de população que é constituída pela sociedade cabocla nacional, cuja cultura é resultado de um processo de amalgamação de traços de origens européias e indígenas, que a partir do século XVIII têm se expandido do Rio Negro para o Içana e Uaupés e outros afluentes. Nas palavras de Galvão: "*Essa é uma região de fronteira, não no sentido de confinar com repúblicas vizinhas, mas no de significar uma área onde se processa um encontro de culturas, a indígena e a nacional e a emergência de uma nova sociedade mestiça e campesiana.*" (Galvão, 1979, p. 139)

O contato acentuado e permanente com os colonizadores a partir do século XVIII afetou de várias maneiras os diversos grupos indígenas locais, Tukano, Aruak e Maku. Dentro de um mesmo grupo, notam-se diferenças em aspectos das culturas, resultantes de sua maior ou menor convivência com outros habitantes. Ainda assim, é importantíssimo para se entender as populações da região, compreender os padrões exogâmicos ou endogâmicos com a diversidade lingüística da área, enquanto categorias analíticas básicas das diferentes formas sociais locais.

Oliveira (1992) cita os trabalhos realizados entre os povos Maku por Silverwood-Cope (1972) e mostra que a "exogamia lingüística" como categoria definidora de unidades sociais não se aplicava aos povos nômades

e caçadores, habitantes da floresta. Nestes, ao contrário, prevalecia a "endogamia lingüística como categoria básica e ordenadora da cosmovisão destes grupos".

*"Tomadas como unidades mínimas e fundidoras do sistema social local, a "exogamia lingüística" e a "endogamia lingüística" ordenam também as relações entre os povos que muito embora habitam numa mesma região demográfica, dominam faixas distintas do sistema ecológico. Por esta razão, estes povos foram classificados em duas grandes categorias "índios do rio" (Tukanos e Aruak) e os Makú (índios da floresta). Contidos nestas duas classificações estão não apenas os domínios do rio e da floresta, mas também formas sociais diferenciadas. A estrutura de parentesco invertida, parece ser na visão etnográfica da área, o principal critério diferenciador entre povos ribeirinhos e habitantes das florestas. Além disso mantém entre si uma relação na qual o domínio de floresta e beira-rio, como também a orientação da estrutura de parentesco, constituem categorias ordenadoras da cosmovisão do sistema social local." (Oliveira, 1992, p 60)*

Considerando, a sua filiação lingüística, a população indígena do Alto Rio Negro pode ser dividida da seguinte forma:

Tabela: Povos Indígenas do Alto Rio Negro

Família lingüística	Povos
a) Aruak	Baniwa, Tariana, Kuripako, Baré, Werekena
b) Maku	Hupda, Yuhup, Nadöb, Kuyawi, Dâw
c) Tukano Oriental	Tukano, Desana, Piratapuaia, Tuyuca, Barasana, Kubeo, Uanano, Arapaso, Makuna, Karapanã, Miriti-Tapuaia, Siriano

De modo geral, esses grupos organizam-se em sibs semelhantes e partilham padrões tecnológicos e materiais, bem como um sistema cosmológico que, apesar de pequenas variantes, orienta-se por uma gênese comum que compõe uma malha simbólica, constituindo o sistema social da região através de grandes distâncias fluviais, transcendententes às fronteiras nacionais do Brasil, da Colômbia e da Venezuela. Exceto os povos Maku, todos os demais são exogâmicos e habitam à beira dos grandes rios. (Oliveira, 1992)

A cosmologia contida na gênese dos povos indígenas da região marca a diversidade e a hierarquia com valores fundadores e ordenadores do mundo. O código de "humanidade" está regido pela língua, pela exogamia lingüística de posse de um território próprio e pelas relações que entre si estabeleceram no curso de sua história humana. Baseia-se numa gramática

simbólica pela qual a diferença constitui valor fundamental para a reprodução de sua existência.

*"Quando a grande cobra passou por aqui em S. Gabriel só os Makú estavam prontos, e saltaram antes de Ipanoré, e já se colocaram por aí na terra. Os outros continuaram a navegação até Ipanoré. Quando chegaram em Ipanoré já eram gente feita e já falavam cada um sua língua. Quando a cobra passou aqui em S. Gabriel os Makú ficaram prontos antes. Os primeiros que saíram como gente feita foi os Tukano, depois os Dessana, os Miriti-Tapuia se criaram por aqui mesmo..." ( Depoimento Dessana apud Oliveira, 1992, p. 229)*

## **2.4 Os povos da família Maku**

Os povos denominados Maku têm sido considerados como os mais antigos habitantes do Noroeste Amazônico.

*"os Maku do Rio Negro são geralmente considerados os últimos representantes de um povo antigo que ocupou vastas áreas da região Amazônica antes de ser exterminado ou assimilado pelos índios da família Caribe e Tukano que tem uma cultura mais avançada, baseada na agricultura" ( apud Becerra, Calvo e Rubio, 1999 - tradução minha)*

Para Koch-Grünberg, Nimuendaju e Munzel (apud Martins 1994:11) o termo Maku vem do Aruak e se refere a grupos indígenas distintos que têm em comum o fato, de serem discriminados pelos índios do Rio Negro e seus afluentes maiores. A origem Aruak do termo parece confirmar-se quando relacionamos o termo Maku, com as palavras - maa, (carencial) e aku, (língua) das línguas Baniwa e Tariana e, neste caso, o Maku seriam os "sem língua" ou os que não falam as línguas dos povos indígenas dominantes na região. *"Se trata de uma denominação externa que não corresponde a nenhum etnônimo, pelo contrário é claramente um conceito genérico com uma matiz pejorativa e de subvalorização cultural"* ( Becerra, Calvo e Rubio, 1999 - tradução minha)

Diferentemente dos grupos Tukano e Aruak que habitam nas beiras dos rios, os Maku ocupam o interior das matas e organizam-se em pequenos grupos locais e regionais. De acordo com Silverwood-Cope, essa organização não passa de no máximo 20 pessoas. São reconhecidos como bons caçadores e coletores; não são grandes agricultores e têm pequenas roças. Diferem ainda dos povos ribeirinhos por constituírem-se em unidades lingüísticas endogâmicas. Entre os Maku, a regra é de se ter na casa um homem mais velho e seus "cunhados". Em outras palavras, a unidade local pode ser vista como composta de uma mulher, suas irmãs e seus maridos, todas falantes da mesma língua. (apud Oliveira, 1992).

Koch Grünberg, em sua viagem na região do Alto rio Negro, definiu da seguinte maneira os Maku :

*"O termo Maku abarca muitas tribos que tem diferentes línguas e dialetos. Habitam a margem direita do*

*Rio Negro e habitam também os afluentes Jurubaxi, Marié, Curicuriari, Caiari-Uaupés e seus tributários direitos Tiquié e Papuri. Os Maku vagam errantes e fugitivos pelos bosques sem moradia fixa, desprezados e perseguidos por seus vizinhos mais desenvolvidos, para quem devem trabalhar como escravos em seu lugar, inclusive são vendidos para os brancos em troca de mercadoria européia. Também são reconhecidos por sua capacidade e aptidão para a caça. Por outra parte também têm a desvantagem de possuir um caráter mentiroso, tendência ao roubo e inclinação para o alcoolismo" (Koch Grünberg (1909) apud Becerra, Calvo e Rubio 1999 - tradução minha)*

Os autores Becerra, Calvo e Rubio observam ainda que os Maku têm uma relação de subordinação para com seus vizinhos horticultores e sedentários. Todavia, a visão predominante que se tem dos Maku corresponde em boa medida àquela que têm sobre eles os indígenas ribeirinhos e que se ajusta à visão de teóricos e etnógrafos consultores que têm contribuído para criar uma imagem de "primitivos" acerca desses povos.

Oliveira, Pozzobon e Meira (1994) destacam como os grupos Maku levam sua vida social e econômica em três ambientes distintos e complementares: as aldeias Maku, os acampamentos de caça e as aldeias dos índios do rio. Normalmente, quando se esgota a caça ao redor da aldeia, eles se dirigem para os acampamentos ou para as casas dos índios ribeirinhos onde passam algum tempo trabalhando nas roças ou ajudando a

fazer casa em troca de farinha, produtos industrializados de segunda mão. Outras vezes, dirigem-se às aldeias ribeirinhas para trocar carne de caça por coca e outros produtos cultivados.

Desde o século XVIII, o termo "Maku" é usado em forma indiscriminada por viajantes, cronistas funcionários de repartições do governo e investigadores para referir-se a grupos dos quais se capturavam pessoas para servir de escravos, ou grupos nômades sem agricultura nas áreas interfluviais. (idem)

O aspecto que se menciona para caracterizar a relação de subordinação dos "Maku" é que suas mulheres são objeto sexual de seus vizinhos indígenas ribeirinhos (Koch Grunberg, 1906; Bioca 1965, Métraux, 1948; Whiffen, 1915 *cf* Becerra, Calvo e Rubio, 1999). Esses autores procuram mostrar que esta situação estava associada à descrição de contextos históricos específicos como o auge das economias extrativistas nos quais estes serviços eram impostos às mulheres "Maku" na qualidade de servas.

Silverwood Cope (1990) é também citado para mostrar que as relações matrimoniais entre mulheres "Maku" e homens "Tukano" são poucas, e, ainda mais raras, de homens Maku com mulheres Tukano. Isto ocorre, em parte, porque a maioria dos povos chamados Maku é endogâmica e não mantém relações matrimoniais com grupos Tukano, e em parte também porque os Tukano, baseados nos mitos de origem, os consideram inferiores na escala social.

Por habitarem em áreas mais distantes dos cursos dos grandes rios, os Maku foram resguardados por mais tempo da violência e das epidemias

que vieram junto com a exploração da região. Entretanto, pode se observar que ainda assim esses povos sofreram pressões e passaram por conflitos com outros grupos indígenas ao buscarem refúgio nos igarapés e nas áreas da floresta onde habitavam.

Portanto, vemos que dentro da sociedade do Uaupés, os Maku tinham o papel de trabalhadores para os outros índios. Eram eles que caçavam, preparavam timbó e realizavam diversos serviços para os índios ribeirinhos.

## 2.5 Os Dâw

Os Dâw são conhecidos no Alto Rio Negro com o termo pejorativo de "Kamã". Eles não gostam de ser chamados por esta designação, uma vez que o termo também é utilizado quando se quer referir a alguém que roubou, que está bêbado e jogado pela rua, independentemente de qual grupo pertença. O povo prefere ser chamado pelo nome de Dâw que, na sua língua, significa "gente".

De acordo com a história oral do Dâw mais idoso, no passado, eles habitavam em um igarapé denominado 'wiç, afluente do Weni e subafluente do rio Marié. Assim como os demais grupos Maku, os Dâw eram endogâmicos de grupo, mas exogâmicos de clãs e se dividiam em diferentes grupos com pequenas diferenças.

Devido a conflitos com outros grupos indígenas, eles foram obrigados a se deslocarem cada vez mais para as zonas interfluviais do rio Curicuriari e do Rio Negro (S.Martins, 1994). Esta área constitui o habitat tradicional

dos Dâw. Encontramos nesta região cemitérios e sítios antigos que mostram sua ocupação. Conhecem profundamente esta área e com frequência, a utilizam para aquisição de caça, pesca, frutas e produtos como piaçaba, cipó, palha e caranã, estas últimas para cobertura de suas casas.

Conforme o relato do Dâw mais velho da comunidade, seu pai fez essa viagem quando estava com aproximadamente 10 anos de idade e lhe contou o seguinte:

*"O Dâw vivia lá no 'wiç, onça mordida muito pro Dâw do antigo. Ele não tinha terçado. Aí a onça comia ele vivo mesmo. Lá no 'wiç a onça é muito brava. (...) de lá o Dâw fugiu para o Igarapé do Weni. Os Tëm 'ee espantou pro Dâw pra lá(...). Depois eles se mudaram e vieram para o Marié. Eles começaram de trabalhar para o Woor [designação Dâw para os índios Tukano e outros ribeirinhos] no Marié e no Yaal'. Nesse tempo Dâw trabalhava roça, não era negócio de produto."*

Eles contam que atravessaram o rio Marié com uma canoa feita de casca de árvore e passaram a conviver com outros índios ribeirinhos que habitavam o Marié. Daí em diante começaram a trabalhar para esses índios. Trabalhavam nas roças e ajudavam no serviço em geral, em troca de utensílios industrializados já usados como redes, facas, terçados, machados e produtos de roça.

Depois de algum tempo trabalhando com esse grupo, os Dâw narram que tiveram conflitos com famílias de índios ribeirinhos e brancos devido a

furtos e fugiram para mais perto do Curicuriari, no igarapé Cariwa, onde em 1904, Koch-Grünberg encontrou dois de seus acampamentos.

*"A pouca distância nos encontramos com dois primitivos acampamentos da "gente da mata" (moradores da selva) (...) O acampamento tinha a cobertura da altura de um homem e era feito com três varas enterradas no chão que se uniam na parte superior formando uma espécie de pirâmide. Estava coberto com palha e amarrados na ponta com cipó. Nestas construções miseráveis, que nem merecem ser chamadas de choça, vive o índio Maku com sua numerosa família. Expostos às intempéries do clima, como animais selvagens. Não têm redes. Dormem no chão coberto de folhas." (Koch-Grünberg 1995, p. 231- tradução minha)*

O próprio velho relata como os Dâw viviam naquele tempo:

*"Naquele tempo Dâw do antigo não tinha mandioca, ele já estava pra morrer de fome. Eles roubavam muito pra poder viver, roubava muita mandioca. Dâw não tinha ralador, ele ralava em cima da pedra. Ai depois ele fazia lupe'. (farinha, sem mandioca mole) Puro lupe'. Assim os velhos faziam..." (Informação oral)*

Mais tarde, os Dâw seguem para a região do Tatu, próximo do Uaupés, novamente fugindo devido a conflitos com ribeirinhos. Simeão

conta que a briga foi tão grande e que eles só não foram mortos por interferência de Graciliano Gonçalves, um grande comerciante da região para quem os Dâw passaram a trabalhar como fregueses.

Ainda de acordo com este velho, os Dâw antigos não usavam roupas (ocidentais) e nem espingarda. Quanto à roupa, ele conta o seguinte:

*(...) Nesse tempo, (quando S. era pequeno) não tinha roupa do Dâw. Esse finado Sâw (Cândido) deu roupa pra todos os Dâw. Esse Sâw morou perto do Woor e levou roupas pro Dâw. (...) diz que ele tinha ido pro Jurubaxi. Ai ele chegou aqui. Ai ele conversou com o Dâw:- Por que vocês anda feio? Vocês têm que virar gente boa, é bom vocês usar roupa. Esse daí que vocês estão usando, esse cueio!!! Vocês joga fora. Mandou jogar. Ai eles jogaram. (...) de lá eles trouxeram roupa pros outros que estavam aqui. Até aí Dâw não usava roupa.*

Por volta de 1940, os Dâw permaneceram trabalhando com Graciliano Gonçalves tanto abrindo pastos para a criação de gado quanto indo para o mato no trabalho extrativista, colhendo produtos secundários como castanha e piaçaba.

Marcio Meira descreve a importância que o extrativismo da piaçaba teve na região.

*“Mais particularmente nessa região conhecida como Amazônia, a economia extrativa teve papel significativo na sua conquista colonial, como também no*

*desdobramento do processo de ocupação de seus espaços mais isolados, que ainda hoje sofrem os impactos desse modelo de exploração dos recursos naturais que é o extrativismo. Ao longo dessa história, o envolvimento das populações indígenas, como mão de obra na coleta e transporte das “drogas” é intenso, tendo assumido esse trabalho um forte impacto nessas populações que muitas vezes, após o primeiro contato com os brancos, quando não foram dizimadas, passaram a depender dessa economia para manter sua sobrevivência, como é o caso da população indígena do alto rio Negro” (Meira, 1994, p.15)*

Por volta de 1950, alguns índios ribeirinhos acabaram trabalhando como patrões ou encarregados no trabalho do extrativismo da Piaçaba realizado pelos Dâw. Dentre eles temos, Oracio Gama (Tukano), Izidoro e os irmãos Vilar, Marciano e Borges França (Baré).

Entre os anos de 1970 e 1980, os Dâw passaram a trabalhar para outros patrões, muitos nordestinos e ex-funcionários de firmas que construíram a estrada São Gabriel-Cucuí. Assim, os grupos familiares dos Dâw passaram a ser divididos entre os seguintes patrões: Joaquim Noventa, Juraci, Aluízio Sanches, Mota, Macapá, João Carneiro, Fonseca, além dos três irmãos França.

Por causa dessa grande divisão entre os Dâw e de um tempo maior de permanência nos fábricas, o povo começou a se desestruturar como grupo. Vítimas de abusos físicos e superexploração econômica, ficavam presos a débitos e separados durante meses de outras famílias. O trabalho nos piaçabais, num certo sentido, era pior que trabalho escravo, passavam fome, tinham que garantir produção diária sem a qual eram ameaçados de

castigos físicos. Quando ficavam doentes não eram tratados e quando morriam, logo eram substituídos. Além disso, havia muitas vezes abuso sexual para com as mulheres, muitas delas tiveram filhos de patrões. Associada a esta situação o uso da cachaça foi intensificado, tornando-se um hábito freqüente para muitos deles. Houve dessa forma um grande desencontro entre as diferentes famílias dos Dâw, dificultando sua reprodução física e cultural:

*"Até meados da década de 80, trabalharam para os patrões na extração da piaçaba e cipó, em regime de semi-escravidão (sistema de aviamento) "Isso provocou uma desagregação social e a dispersão das famílias que ocasionalmente também trabalhavam em roças de indígenas de outras etnias. O consumo de álcool era freqüente e estimulado pelos patrões e por alguns moradores de São Gabriel. Quando encontravam-se na cidade, famílias inteiras podiam ser vistas dormindo nas ruas, pais e filhos embriagados, vítimas constantes de escárnio e hostilidade por parte da população."(Lasmar, 2001, p. 290)*

A população estava enfrentando um decréscimo progressivo (S. Martins, 1994 V. Martins, 1999), com alto índice de mortalidade infantil.

*"Durante a década de oitenta, esse processo atingiu seu clímax quando essa população reduziu-se à aproximadamente 65 pessoas. Os Dâw tinham poucas*

*chances de reverter esse quadro, principalmente porque eles não casam com pessoas de outras tribos e as possibilidades de casamento no grupo eram cada vez menores devido a falta de mulheres" (Martins, 1999)*

A relação entre dos patrões para com os Dâw-fregueses, era uma relação de exploração. De acordo com Marcio Meira, 1993, existiam os “bons” e os “maus” patrões. Ambos exploravam, mas a diferença era que enquanto o mau patrão usava da violência explícita, agredindo e, às vezes, deixando o freguês passar fome; o bom patrão era mais benevolente, mantinha certo tipo de aproximação, através de laços permanentes de compadrio.

### **3 CAXIRI: O PROCESSO DE FABRICAÇÃO E SEU CONSUMO**

De acordo com Galvão (1979) a bebida predileta e obrigatória em qualquer reunião social ou religiosa entre a maioria dos grupos indígenas é o caxiri, e isto não é diferente para muitos indígenas na região do Alto Rio Negro.

#### **3.1. O processo de fabricação**

O caxiri é feito pelos índios da região com a massa da mandioca diluída em bastante água e deixada em cozimento por algum tempo. Esse cozimento resulta num tipo de engrossado e neste adiciona-se mais água e o

líquido é depositado em coxos, feitos de tronco de árvore ou em grandes panelas de barro. Junta-se a este líquido beiju torrado em pedaços, o que provoca a necessária fermentação. Isso é feito mais modernamente porque no passado o processo de fermentação era feito apenas, mediante a mastigação ou bochecho da massa de mandioca pelas mulheres logo após o cozimento e devolvida à panela ou ao coxo. De acordo com o mesmo Galvão (1979), nas aldeias de contato mais freqüente com a sociedade não-indígena, o processo de fermentação através da mastigação pelas mulheres é visto com certa "abominação" e eles fazem questão de dizer que seu caxiri é preparado com beiju. Após três ou quatro dias, a bebida está levemente fermentada, a seguir é coada em peneira com crivo fino para livrá-la das impurezas. Somente depois de todo esse processo o caxiri está pronto para ser consumido.

Ele tem um sabor entre picante e azedo, muito agradável. Além de se utilizar a mandioca como base do caxiri, pode-se misturar a massa, a batata-doce, o cará e/ou a garapa feita da cana de açúcar. Os indígenas da região, muitas vezes, gostam de adicionar ao caxiri a cachaça destilada fabricada por eles mesmos ou simplesmente o álcool para tornar o caxiri mais forte. Este tomado em grande quantidade é capaz de provocar a embriaguez.

De acordo com os Dâw e outros relatos, a fabricação do caxiri é uma atividade exclusivamente feminina. São as mulheres que tiram das roças os produtos e preparam o caxiri. Um Dâw de aproximadamente 35 anos de idade relata que seu pai lhe contava muitas histórias sobre os velhos consumindo caxiri. Ele narra que as mulheres deixam a massa fermentar por três dias para depois fazer o caxiri. Ele diz:

*"Toda mulher velha gosta de beber isso. Porque a mulher faz esse caxiri, homem não, homem não faz caxiri. (...) velho só andava no meio do mato, ele faz caxiri, só isso que os Dâw bebia."*

É interessante observar que o próprio comportamento da mulher durante os três dias de fermentação, também parece de algum modo interferir na qualidade do caxiri: Isto é, se durante esse processo, ela manteve relações sexuais com o marido, o caxiri pode sair mais grosso e estragado, conforme relato de um deles ao descrever uma série de mulheres antigas que faziam caxiri:

*"(quando finada R. faz[caxiri] ficava grosso, estragado, isso acontecia quando mulher transava com marido durante o preparo do caxiri. Quando a mulher do Woor faz, era a mesma coisa. Essa garapa do R. ficava grosso, porque eles transavam. Aí não fica forte, ficava grosso. "*

O ato de tomar bebidas fermentadas é algo natural para diversas sociedades ao redor do mundo. Normalmente, esse ato é acompanhado por celebrações coletivas. No Alto rio Negro, é utilizado pelos diversos grupos indígenas em festas, como o dabucuri, uma festa onde alimentos e objetos são oferecidos e trocados e ocasião na qual ocorrem arranjos de casamento. Tudo é feito ao som de instrumentos musicais, acompanhados de danças e consumo abundante de caxiri.

### 3.2 O consumo do caxiri pelos Dâw

Os índios ribeirinhos do Alto Rio Negro mantêm relações com os povos Maku, descritas na etnografia desta região como hierárquicas, simbióticas ou de subordinação. Entretanto, para alguns dos grupos Maku, essas relações, de acordo com dados históricos já citados e com a tradição oral, não aconteceram há muito tempo. Os Dâw, os Nadeb e os Nukak não parecem estar tão histórica e intrinsecamente ligados aos povos ribeirinhos, como são os Hupda, Yuhup e Bará, bem mais conhecidos e descritos na literatura etnográfica do Alto Rio Negro. O fato destes três últimos povos serem mais citados na produção científica nas últimas décadas criou um imaginário que todos os grupos Maku vivem este tipo de relações com os povos do rio, especialmente com os povos Tukano. Na verdade, porém, nem todos os povos Maku se relacionavam com povos Tukano e não tinham relações tão estreitas com outros povos.

"Os Nukak se encontram em um emaranhado de relações políticas e sociais econômicas, similar ao de todos os povos indígenas (...). Em grande medida, o futuro deste povo depende de suas relações interculturais com seus vizinhos, colonos e indígenas que apesar de encontrar-se geograficamente perto, são culturalmente distantes" (Becerra, Calvo e Rubio, 1999, p. 23)

Para os Dâw, a relação com os índios ribeirinhos trouxe novos conhecimentos como, por exemplo, na produção do caxiri. Agora, as mulheres passam a utilizar, não apenas o cará da caatinga (mâa) para fazê-

lo, como era o costume tradicional dos antigos, mas também passam a utilizar a cana de açúcar, frutas e outros tubérculos.

*( caxiri naquele tempo estava muito forte. Aí fizeram garapa de cará. Aí, esse caxiri é forte como cachaça. Aí, eles fizeram garapa de cará pra eles dançar. Um bocado de garapa de cará..."*

Se eles fossem caçar e houvesse muita carne, ofereciam uma parte para a festa do dabucuri, seja entre eles mesmos, seja para os índios ribeirinhos. Isso é bem percebido no depoimento do capitão da Ilha das Flores.

*"Quando eu era menino, 10 anos de idade, quando eu já entendia um pouquinho que os Kamã [termo usado para designar os Dâw] já fazia Dabucuri aqui. Então fazia o seguinte: eles contratava assim, falava com o velho né, uma pessoa daqui pra eles fazer Dabucuri aqui na Ilha né. Então isso pra eles, eles tinha que sair daqui pra caçar né, lá pro Dacubixi, por aí, no igarapé, por aqui mesmo, não sei por onde eles andava por aí mesmo, então que eles conseguia, um moqueado, matar um porco, uma cotia, caça do mato mesmo moqueado. Então eles chegavam aqui na Ilha e entregavam isso pro dono né, esse que estão fazendo Dabucuri ne. Aí pronto, entregava isso já pro velho também. Já entregava aquele moqueado pro pessoal. Entregava pra cada pessoa, pra cada família. Aí cada família já tinha que dar o beiju, a farinha pra eles comerem. Pronto já entregou pro chefe deles né. Aí eles vão fazendo*

*assim. Aí eles vão distribuindo pra cada família deles uma parte do beiju, da farinha. Tudo igual. Mais ou menos uma hora assim [18:00] eles começa a entregar tudo deles. Aí com aquele bebidazinha que eles faz pra eles tomar eles começam a dançar né. Dança até de manha. De manhã bem cedinho eles acorda assim pronto. Daí mesmo eles vão voltando. Eles volta mesmo lá onde eles estão na barraca deles.(apud Pozzobon, Oliveira, Meira, 1994, p.97)*

Entre os Kaingáng, de acordo com Oliveira (1999), a bebida fermentada era usada tradicionalmente e restringia-se a cerimônias ritualizadas, fossem estas sagradas ou profanas, nesta ocasião, "era permitido beber até cair". Isto acontecia dentro de um espaço social/cultural, sem representar algo com conotação negativa uma vez que havia permissão para se beber e ficar embriagado. Esta permissão se encerrava com o final do evento.

Dessa forma, a bebida nos rituais antigos do povo Kaingáng, "tinha função de integração social, reforçando os laços de reciprocidade social entre diferentes grupos locais da sociedade" (Oliveira, 1999, p.6).

Possivelmente, o dabucuri, para os Dâw, assim como os rituais Kaingáng, contribuía para uma "integração social" e para reforçar os laços de reciprocidade social entre as famílias: Ocasão em que o uso do caxiri era permitido e justificado. Era através da bebida que o povo iria se alegrar e ficar pronto para dançar a noite inteira. Referindo-se ao dabucuri, o velho observa que normalmente essa festa era usada como uma espécie de

confraternização e descontração. Ele conta que, quando ainda era rapazinho, matou uma anta e entregou para os Dâw fazerem dabucuri.

*"Naquele tempo, eu já estava rapaz. Naquele tempo, eu matei uma anta pro Dâw fazer Dabucuri. Eu não fiz Dabucuri, mas meu irmão fez Dabucuri. Esse que morreu (Chico). Esse gostava de fazer Dabucuri. Eu dei uma banda de anta pra ele, porque ele fez dabucuri, ele não matou nada. Ele não matava nada. Aí, nós fomos embora, aí nos voltamos para casa do Dâw. Lá tinha muita casa do Dâw(...). pra lá esse Dâw fez Dabucuri. Aí, outros Dâw ficaram fazendo caxiri. Era coxo grande, demais grande. Fizeram vinho de cará. Aí, fizeram garapa de cana. Aí, eles dançaram ainda. Aí outro Dâw queria mulher, aí eles discutiram. Aí eles cacetaram um pro outro. Rapaz cacetou pro pai de uma moça, porque pai estava sovinando a filha dele."*

Como pode-se observar no final do relato, o caxiri também era utilizado pelos Dâw como um elemento de alívio das tensões sociais. Quando havia a necessidade de uma confrontação, a melhor hora para isso acontecer era no final do dabucuri, quando os ânimos já estavam bem exaltados. É o caso desse pai que não queria entregar a filha para se casar com um determinado rapaz.

Os Dâw, portanto, eram portadores do conhecimento para se fabricar o caxiri, e o utilizavam de acordo com a necessidade que tinham durante

ocasiões especiais em que realizavam o dabucuri, uma festa, ao que parece, sem nenhum cunho de religiosidade. Pode ser que, num passado mais remoto, utilizassem o caxiri para algum evento religioso, entretanto, não consegui levantar dados que pudessem comprovar o fato. “O dabucuri é uma festa profana, divertida e alcoolizada. Entre os Maku muitas vezes termina em verdadeiras batalhas campais, em safanões, pauladas e gritarias madrugadoras.” (ISA. [www.socioambiental.web.maku./maku-11/03/01](http://www.socioambiental.web.maku./maku-11/03/01), p.15).

#### **4. A cachaça: processo de transformação nos hábitos de beber**

Neste capítulo, pretendo abordar como a cachaça se tornou um elemento importante na exploração dos Dâw. De acordo com Fernandes (1975), pretendo buscar explicações que retenham conexões de sentido, vinculações funcionais ou relações causais, essenciais, para a interpretação da dinâmica interna dos fenômenos investigados. Para tanto, pretendo fazer uma explanação descritiva que tem por objeto a reconstrução de uma totalidade integrada, interdependente e dinâmica.

##### **4.1 Os fábricos e condições históricas de sobrevivência**

Os Dâw vieram para a região de São Gabriel da Cachoeira, fugindo de outros índios no interflúvio Marié- Japurá. Em São Gabriel da Cachoeira, acabaram tendo uma relação de subordinação para com os índios ribeirinhos que tinham maior contato com a sociedade nacional. Passaram a servir esses índios em troca de utensílios e produtos para a sua sobrevivência.

Por volta de 1904, Koch-Grünberg, descrevendo um encontro que teve com os Dâw, dá uma série de adjetivos “preconceituosos” ao povo, e isso inclui a tendência para o alcoolismo.

*“Os Maku vagam errantes e fugitivos pelos bosques sem moradia fixa, desprezados e perseguidos por seus vizinhos mais desenvolvidos, para quem devem trabalhar como escravos em seu lugar, inclusive são vendidos para os brancos em troca de mercadoria européia. Também são reconhecidos por sua capacidade e aptidão para a caça. Por outra parte também têm a desvantagem de possuir um caráter mentiroso, tendência ao roubo e inclinação para o alcoolismo” (Koch Grünberg (1909) apud Becerra, Calvo e Rubio 1999 - tradução minha)*

De acordo com os Dâw, há relatos que descrevem a compra da cachaça para uso na comunidade, aproximadamente em 1910, quando o maior comerciante da cidade era então, o senhor Graciliano Gonçalves. Nessa época, o contato com moradores da cidade era ainda mais esporádico do que com os índios ribeirinhos e dava-se através da troca de peles de animais de caça por mercadorias que os Dâw haviam incorporado no contato com os outros índios.

Um desses contatos com o Sr. Graciliano parece ter sido muito significativo e é relatado pelo atual animador da comunidade, que o ouviu de seu pai já falecido.

*“Aí, eles [os Dâw] perguntaram se ele [Graciliano] quer couro, couro de onça. Pronto. Aí, [Graciliano] quer. Vieram pra vender aqui. Compraram cachaça, porque diz que Dâw não conhecia cachaça. Aí, patrão [Graciliano] dele derramou. Ele [Dâw] experimentou lá. Pô! Foi bom! Aí, todo mundo [Dâw presente] comprou essa cachaça. Aí, o Dâw levou pra lá [aldeia]; aí, ficou bebo, cacetaram pro outro. Pronto! Já vai começando, já vai começando, até aprender de beber”.*

Esse mesmo Graciliano é citado pelos Dâw como alguém que interferiu num conflito com índios ribeirinhos. Eles dizem que, se não fosse a interferência dele, todos teriam sido mortos, tão grande foi o conflito. Graciliano defendeu os Dâw, dizendo que estes eram seus fregueses .

Por volta dos anos 50, os Dâw começaram a trabalhar mais intensivamente com extração de piaçaba, cipó e sorva. Índios ribeirinhos que estavam assumindo o papel de “patrão” no rio Curicuriari recrutavam e repartiam as famílias Dâw para trabalharem nas empresas.

*“A relação patrono/cliente entre Índios do Rio e Maku, com todas as suas ramificações de ordem econômica, social, ritual e mágico-religiosa existe hoje, não mais de maneira original, porém dentro do quadro mais geral de um sistema assimétrico de contato que inclui outras relações patrono/clientes envolvendo índios e brancos. Como tal é o sistema intertribal Maku/Índios do Rio deve*

*ser atualmente entendido” (Ramos, Silverwood-Cope, Oliveira, 1980: p. 179)*

Já nos anos 70-80, além dos índios ribeirinhos, os Dâw passaram a ser “repartidos” ainda mais por novos patrões brancos vindos de fora para tentar a vida em S.Gabriel da Cachoeira. O grande número de patrões e o fato de passarem a maior parte do tempo nos fábricas, dificultava os encontros entre as diferentes famílias. Como consequência disto, sua reprodução física, social e cultural era prejudicada.

Havia ainda a própria exploração dos fábricas. Existem na memória dos Dâw , inúmeros casos de abusos físicos e psicológicos, muitas vezes relatados com tristeza pela lembrança dos sofrimentos pelos quais passaram e, também, com alívio por não mais estarem debaixo desse tipo de servidão.

Dentre diversas histórias desse tempo, quero relatar a do trabalho de um rapaz com sua jovem esposa. Ambos tinham na época entre 15 a 20 anos aproximadamente.

*“Antigamente nós tava sofrendo muito. Às vezes nos faz 1.500 quilos de piaçaba eu com C. [esposa dele]. Às vez faz cipó 300 quilos. Sabe quanto se lá, quantas vez eu sofri com cipó depois que eu casei com C. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, trabalhei, mas nunca que ganhei. Minha rede vai rasgando. Onde é que eu vou comprar rede nova? Negócio de conta. Não pode tirar novo. Negócio de conta vai subindo sem comprar nada. Meu calção tava todo*

*rasgado Eu não tinha nem camisa pra vestir. Conta vai indo. Vai subindo. Vai, vai, indo. Eu andava com pedaço de terçado. Eu andava sem nada. Na hora de voltar da empresa, volta sem nada, volta com pedaço de terçado que vem da empresa. Quando mora por aqui [na aldeia] um mês vai de novo pro piaçabal. Volta do jeito que foi daquela vez.”{ Historia oral de J.e C.)*

A situação dos Dâw nos fábricas também de acordo com os padrões era de grande sofrimento. Havia muita morte entre as crianças, devido a problemas de desnutrição, doenças pulmonares e vermes. Um dos padrões, ao descrever sua preocupação ao ver as crianças comendo cinza, areia e carvão, diz que ficou penalizado e resolveu fazer tratamento para vermes. Entretanto, ele conta que acabou causando a morte de algumas crianças porque elas estavam muito fracas e não suportaram o tratamento. Ele conta o seguinte:

*“Eu mesmo não nego, não! Se for um negócio que eu tenho que pagar, isso aí pra Deus eu tenho que pagar. Eu mesmo matei mais ou menos o que? Uns cinco, seis, eu saía da empresa, aí lá no fim da praia era a farmácia do BEC. Eu vinha, comprava o remédio pra verme. Que aquilo eu via eles [crianças] comendo é, cinza, calvão, areia. Aí eu via, comprava remédio. Levava, eu dava de noite, quase de manha o índio morria. Aquilo, porra, aquilo me chocava: - Mas como eu dou o remédio e o índio morre? Ai eu vim na farmácia....Eu perguntei dela*

*porque eu dava remédio e o índio morria...- .Dona eles morre botando verme pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos.”*

Quando ele perguntou porque as crianças morriam soltando vermes, a farmacêutica explicou que as crianças deviam estar muito fracas e que ele precisava dar em primeiro lugar, vitaminas para fortificá-las, e somente depois, dar o medicamento para acabar com os vermes.

Este mesmo patrão diz que havia nos fábricas, inúmeros casos de picadas de cobra e de insetos e que muitos Dâw morriam. Ele usava sal amargo que, aplicado de modo intramuscular e no local ferido, impedia que o veneno se espalhasse. Diversos Dâw foram salvos, de acordo com ele, devido a esse tratamento.

Além de adultos e crianças mortas durante o período em que os Dâw trabalharam com este patrão, houve também muitas mortes nos outros fabricos. De acordo com relatos dos Dâw sobre a situação, percebe-se que entre 1961 a 1980, quando a exploração da força de trabalho aconteceu de forma mais intensa, ocorreu também o maior número de óbitos, especialmente entre as crianças.

Analisando o caso das onze mulheres mais velhas, que hoje estão na faixa de 50 a 70 anos de idade, temos os seguintes dados:

As onze mulheres tiveram juntas um total de 71 filhos. Desses, apenas 22,5%, ou seja, 16 indivíduos permanecem vivos. Os demais 77,5%, ou seja, 55 indivíduos, faleceram. Estes dados estão baseados apenas nas mulheres em idade de 50 a 70 anos que ainda estão vivas; se fosse levantado o

número de mulheres que também perderam filhos, mas já morreram, esses dados seriam ainda mais sérios.

Os Dâw contam também que, uma vez, um barco virou e muita gente morreu, inclusive crianças e adultos. Mas eles não sabem mencionar os detalhes. Essa história é confirmada por velhos habitantes da cidade, mas ninguém sabe precisar o número exato das pessoas que morreram. Possivelmente, uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto poderia elucidar o número exato dos mortos. Entretanto, para o presente trabalho, não me foi possível trabalhar esses dados.

Além da mortalidade infantil, nesse mesmo período, temos também a questão da viuvez. Analisando a mesma faixa de idade, comprovamos que, entre essas mulheres, apenas duas ainda têm o marido vivo sendo nove restantes viúvas.

Todos os dados acima apontam para uma situação de perda de controle sobre as condições de produção e auto-reprodução, como sociedade e cultura. Assim como os Dâw não tinham controle sobre sua situação social, também não tinham mais desejo de controlar seu próprio corpo; por isso, o estar constantemente embriagados funcionava como um tipo de “anestesia da consciência” diante do sofrimento e da sociedade gabrielense.

## 4.2 O uso do álcool como instrumento de dominação e alienação do grupo

De acordo com Basbaum, a alienação é uma forma de relação entre os homens. Mas é também a relação entre os homens e determinados objetos ou coisas que existem no mundo que os cerca. Essa forma de relação que não é uma relação natural, mas existe, faz parte do processo histórico e afeta profundamente os homens.

*“(...) a alienação, do ponto de vista econômico-social, é a perda da consciência de si, em virtude de uma situação concreta. O homem perde sua consciência pessoal, sua identidade e personalidade, o que vale dizer, sua vontade é esmagada pela consciência do outro...”* (Basbaum, 1977: p.17)

Desde o início do processo colonizador, tanto no Brasil quanto nos outros países onde existem sociedades indígenas, a exploração, especialmente econômica, estava presente. Junto ao processo, a bebida destilada foi introduzida e acabou tornando-se elemento importante no processo de dominação e alienação do grupo a ser conquistado. Os colonizadores muitas vezes utilizavam a aguardente para os índios como um tipo de “entorpecente” para ajudar a dominá-los. Entre vários casos, podemos citar o que aconteceu entre os índios Bororo.

*“As autoridades militares de Teresa Cristina distribuíam a aguardente de forma gratuita aos bororos a fim de dobrar-lhes a vontade de continuar lutando em defesa dos seus territórios cada vez mais invadidos. Atraídos pela distribuição farta de presentes e de*

*aguardente, sem trabalhar nas roças, nem fazer guerras, atividades essas que envolviam grandes esforços físicos, que poderiam ter neutralizados os efeitos deletérios da bebida, os bororos da área do rio São Lourenço diminuiram muita a sua resistência física e moral, tendência essa reforçada por infrações à sua dieta tradicional.” (Viertler, 2.000:p.250)*

Assim como os Bororo, os Dâw foram alvos de exploração e alienação através do uso e abuso da cachaça. De acordo com diversos padrões entrevistados, os Dâw só concordariam em ir para os fábricas depois de pelo menos uma noite de bebedeira. Por isso, era comum antes das saídas o patrão “vender” algumas grades de cachaça. Isso garantia duas coisas. A primeira é que todos, uma vez embriagados pela manhã, não estariam em condições de recusar-se a partir. A segunda é que eles já saíam com débito e, por isso, tinham que trabalhar para pagar.

Um informante Dâw, de aproximadamente 43 anos, lembra bem de uma dessas ocasiões. Ele conta fatos sobre o dia anterior, quando o patrão vinha para “alegrar” seus fregueses, até quando chegam ao lugar onde irão trabalhar. Ele menciona também que o próprio patrão coloca a bagagem dos fregueses no barco antes de iniciarem a viagem que dura cerca de dois ou três dias, tempo necessário para “curar” a ressaca.

*“Aí, patrão chegou. Ele trouxe muita cachaça. Aí, ele começa a dar cachaça pra Dâw beber, pra Dâw tomar, né. Aí, Dâw toma a noite todo. Aí, no outro dia, ele*

*[patrão] pega tudo pro Dâw e leva no barco, no motor. Aí, patrão leva pra gente, pro freguês. Aí, a gente chega na colocação [ponto onde os trabalhadores ficam instalados para trabalhar]. “*

A cachaça também era utilizada como instrumento de alienação física e moral. De acordo com diversos relatos dos Dâw, em finais de semana, o patrão chegava para pegar o produto e trazer mais suprimentos que eram debitados nas contas dos fregueses. Junto com os suprimentos, sempre estavam grades de cachaça. Assim, no final de semana, aconteciam verdadeiras “festas” entre patrão e freguês.

No início, essas festas pareciam lembrar as festas de dabucuri, só que, no lugar do caxiri, usava-se a cachaça. O “velho” conta com saudades:

*“(...) aí, todo mundo encontrou com cachaça lá no meio do caminho. Tinha muito cachaça. Os velhos do antigo bebia bem direitinho, não procuravam briga toda vez que eles bebiam. Eles cantavam quando estavam bebos. Quando ele [Dâw ] bebe junto com patrão dele, ele canta muito (...)”*

Entretanto, as “festas” acabaram tornando-se verdadeiras “noites alcoolizadas”, onde tudo era permitido entre patrão e freguês, entre freguês e freguês. De acordo com diversos relatos, muitos Dâw acreditam que, intencionalmente, o patrão embriagava rapidamente os pais de moças e os maridos para poder abusar sexualmente das mulheres. Este ato era

acompanhado por um tipo de pagamento especial para as mulheres. Dentre diversos relatos, foi selecionado o seguinte:

*“(...) eles levavam cachaça pro pessoal até no centro carregando, lá no mato ainda. Aí, dia de sábado, eles costumam de beber. Bebe até os marido das mulheres, aí, eles já vai levar a [mulher] no mato, ele [patrão e/ou empregado] rouba [mulher] ... mexe mulher do outro, eles também paga. Dava assim corte, a roupa pras mulher. Eh eles tá pagando pras mulher. Aí, já não precisa cobrar com negócio de pagamento de produto, não paga não.”*

#### **4.3 O ato de beber e suas conseqüências para a organização social dos Dâw**

O uso da cachaça e do álcool doméstico incorporou-se como hábito entre os Dâw mais velhos. Isto pode ser comprovado mediante dados obtidos através de um questionário, cujas respostas foram dadas entre 17 de fevereiro e 02 de junho de 2001, atingindo os 67 indivíduos da comunidade que têm mais de 10 anos, o que representa 61% da comunidade.

O objetivo deste questionário foi o de verificar empiricamente o número de pessoas que, de acordo com elas mesmas, já *usaram e abusaram* do álcool, entrando numa situação de uso freqüente, embriagando-se diversos dias durante a semana. Foram interrogados todos os indivíduos

acima de 10 anos de idade, sobre os seguintes dados: idade, sexo, idade que começou a beber, quem deu, se bebia com frequência ou não.

Do total de 67 indivíduos, com mais de 10 anos, encontramos os seguintes dados:

39 (58%) Disseram que bebiam com frequência (diversos dias)

07 (12%) Disseram que bebiam de vez em quando.

21 (30%) Disseram que nunca bebiam.

Dos 39 indivíduos que bebiam com frequência:

Variante- sexo: 19 (49%) eram de sexo masculino;

20 (51%) eram de sexo feminino;

Variante - idade: 15 (39% ) beberam pela primeira vez,  
antes de completarem 10 anos de idade

20 (51%) beberam pela primeira vez entre  
11 a 15 anos de idade

04 (10%) beberam pela primeira vez entre  
16 a 20 anos de idade.

Variante-fornecedor 22 (56%) receberam a bebida pela primeira vez de parentes.

15 (39%) do patrão

02 ( 5%) de outras pessoas

Tabela referente a idade, sexo e frequência do uso do álcool por indivíduos acima de 20 anos

IDADE	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	Frequência	Não-frequência	Frequência	Não-frequência	Frequência	Não-frequência
20 - 29	04	03	--	04	04	07
30 - 39	06	--	01	--	07	--
40 - 49	05	--	08	--	13	--
50 ou +	04	--	11	--	15	--
TOTAL	19	03	20	04	39	07

Conforme esta tabela, todos os indivíduos acima de 20 anos bebiam e a maioria se embriagava com frequência, isto é diversos dias na semana. Esta situação de “bebedeira freqüente” trouxe diversos problemas para as famílias. Muitas mulheres perderam maridos ou filhos afogados. Eles bebiam na cidade e no percurso da volta para a comunidade, acabando com a canoa virada, especialmente quando o rio estava cheio.

Numa entrevista com um Dâw de aproximadamente 50 anos de idade, sobre sua lembrança de parentes e amigos mortos embriagados, foram levantados os seguintes dados: Oito indivíduos morreram afogados, na tentativa de cruzar o rio; três indivíduos morreram porque, depois de terem bebido eles ficaram deitados debaixo de sol forte; um indivíduo foi atropelado na cidade e mais outro deitado embriagado num barco, foi sufocado por cerca de trinta paneiros de farinha que caíram por cima dele. Temos assim um total de 13 indivíduos mortos em estado de embriaguez, num relato baseado apenas nas informações de alguém que perdeu

familiares e amigos próximos; pode-se inferir, entretanto, que numa pesquisa mais aprofundada, esses dados poderiam ser ainda mais elevados.

Outro problema era a negligência dos pais bêbados para com os filhos, o que pode ser comprovado através de diversos casos. Inúmeros filhos se sentiram abandonados pelos pais. Diversos irmãos mais velhos, muitas vezes, ampararam irmãos menores. Dentre vários relatos, quero transcrever o de uma informante de aproximadamente 40 anos que lembra com tristeza o tratamento que recebia de seus pais:

*“Minha mãe me criou no meio do piaçabal. Eu anda crescendo. Aí, eu fiquei maltratado porque minha mãe ficava bebo. Quando meu pai ficava bebo eu ficava jogado aí. [Eles] carregava eu de cabeça pra baixo. Aí, eu vivia jogado mesmo, quando minha mãe tava bebo. Até eu cresceu um pouquinho. Eu cresceu. Aí, eu me lembro como que passou.”*

Apesar da organização social dos Dâw ser patrilinear, e não matrilinear como acontece entre os Bororo, a situação descrita por Viertler entre os Bororo parece muito semelhante à dos Dâw na questão de cuidado para com os filhos e no aprendizado dos filhos quanto ao uso do álcool desde pequeno.

*“Modelo ou estratégia a ser imitada pelos jovens imaturos, o padrão alcoolista se desenvolve no seio de algumas famílias, acarretando a formação de verdadeiras linhagens, pois, ‘bebendo o pai, o filho também bebe’, sem*

*se mencionar o papel da mãe, que mesmo quando bebe encharcando de álcool o leite mamado por seus filhos, aparentemente é resguardada pela ideologia bororo associada a um sistema de parentesco matrilinear”.(2000, p.253)*

Era relativamente comum os Dâw entregarem seus filhos ao patrão para que ele cuidasse deles durante algum tempo. Certa vez, um adolescente ficou na casa do patrão, mas, depois de algumas semanas, acabou aborrecendo-se com a patroa que o usava nos serviços domésticos e para pajar seus filhos. Ele conta que fugiu do patrão, indo aonde estavam alguns garimpeiros, e ficou trabalhando com eles durante algum tempo. Depois, quando os garimpeiros foram impedidos de garimpar, foram embora deixando um rancho para o rapaz que decidiu então voltar para sua família. Ele descreve esse reencontro conforme a citação parcial abaixo:

*“Aí, eu fui lá com JB. Lá, eu vi finado PA, finado meu pai com minha mãe. Três pessoas e bebo ainda. Eu tava procurando ele pra ele me ajudar de carregar aquele rancho [que ele tinha ganhado dos garimpeiros]. Eh! Aí, eu não falei com eles [os pais] porque eles tava muito bebo.”*

Ao ver os pais embriagados sem condições de ajudá-lo, ele resolveu ir sozinho apanhar o rancho. Horas depois, retorna para encontrar os pais, mas os mesmos já haviam saído para outro lugar, deixando sozinho o irmão dele, que tinha então cerca de dois anos de idade. Ele conta:

*“... Lá, eles deixaram o meu irmão jogado. Esse B. Ele era do tamanho dessa minha filhinha M de 2 anos. Se eu não fosse logo pra lá, carro ia passar por cima dele Eh!. Aí, eu disse : - Cadê essa gente? Ta bebo por aí, me deixaram sozinho aqui. Falando e chorando ainda. Aí eu disse: vamos embora comigo, lá com JB. Aí, eu comprei esse refrigerante, bombomzinho pra ele...”*

Algum tempo depois, este mesmo indivíduo, que se revoltou contra os pais freqüentemente embriagados, acabou unindo-se a eles. Tornou-se um consumidor de cachaça e de álcool etílico. O álcool de uso doméstico era consumido nessa época pelos Dâw, devido ao fato de ser mais barato que a cachaça e render mais, quando misturado com água. Alguns padrões, inclusive, entregavam aos Dâw esse tipo de bebida para ser consumido no lugar da cachaça.

*‘Mais barato que a aguardente, o álcool passou a ser acessível a um contingente crescente de bororos que, por seu intermédio, buscavam reduzir o tempo necessário para alcançar os tão desejados estados alterados de consciência e inconsciência já viabilizados pela cachaça.’(Viertler, 2000, p.253)*

É interessante notar como, nos comércios locais, o álcool de uso doméstico não fica comumente exposto junto aos produtos de limpeza ou farmacêuticos, como é comum nos supermercados ou pequenos comércios em outros centros. Em diversos estabelecimentos comerciais de São Gabriel

da Cachoeira, o álcool de uso doméstico fica junto ao mesmo balcão da cachaça e de outras bebidas alcoólicas.

Era muito comum encontrar pela cidade muitos Dâw embriagados, acompanhados por crianças semi-nuas, desnutridas e com semblante entristecido. Isso causava indignação e, ao mesmo tempo, uma certa compaixão da população. Muitos, penalizados com a situação de “pobrezinhos” e “abandonados” que o quadro pintava, davam esmolas em dinheiro ou em produtos, especialmente enlatados, coisas que os Dâw pediam para ajudar a família. Entretanto, essas mesmas “esmolas” eram, muitas vezes, trocadas no comércio local por álcool.

Viertler (2000), aborda o problema de pais alcoolizados entre os Bororo. Ela mostra que tal ato traz conseqüências marcantes na mente e no psiquismo dos filhos. Além disso, como os Dâw, os Bororo também se apresentavam como necessitados de compaixão dos outros, utilizando-se desta estratégia para barganhar com os civilizados.

*“O consumo desregrado de bebida alcoólica dos pais marca inexoravelmente o psiquismo dos filhos, ora fazendo-os enveredar pelo mesmo vício, ora porque acarretavam traumas e medos constantes da violência que deixam seqüelas emocionais e por vezes físicas, muito sérias nas crianças. E, ao imitar um pai alcoolista, de certa forma o comportamento desviante acaba por se converter em “valor” de solidariedade com todos os que bebem, um tipo de estratégia que, uma vez implica uma constante “queima” de recursos materiais, se adapta como uma luva*

*a auto imagem de “pobrezinhos” e abandonados”, realçada pelos bororos quando estão de luto ou quando barganham com os civilizados” (idem, p. 252)*

A organização social do grupo foi também afetada pelo declínio da população. Através de dados colhidos por Assis (2001), verifica-se que, durante os últimos 40 anos, desapareceram quatro clãs, e um outro deve desaparecer quando vier a falecer seu único representante vivo, um homem de aproximadamente 75 anos de idade, que não tem filhos do sexo masculino.

Esta redução do número de clãs e, também, da população total gera sérios problemas para que o povo consiga manter suas regras de casamento. De acordo com o mesmo autor, vinte por cento da população atual nasceu de pais que não eram Dâw, e conseqüentemente, são reconhecidos como “de fora” na hora de tensões internas. Outro dado a ser observado é que essas pessoas têm mostrado a tendência de se casarem entre si ou, no caso das mulheres, com pessoas estranhas ao grupo.

A situação gerada pela exploração do povo Dâw, e suas conseqüentes estratégias de embriaguez, usadas para enfrentar as condições de vida que passavam, estavam levando-os à extinção física, conforme já foi mencionado neste trabalho no capítulo que descreve a história do grupo. Entretanto, de acordo com Lasmar, o problema tem sido sensivelmente minorado nos últimos anos.

“Hoje em dia, vendem na cidade frutas cultivadas e produtos coletados como tucumã, ucuqui, bacaba, pupunha e caranguejo. Todos os

idosos e deficientes físicos recebem aposentadoria rural. Com os recursos que dispõem, compram peixe, frango, sal, açúcar, café e outros itens como lanternas, pilhas, munição, roupas. Em 1998, o grupo organizou-se para escolher um capitão e um animador de esportes, o que sinaliza o início do processo de resgate do senso de comunidade e da autonomia perdida durante o tempo em que viveram sob a dominação dos patrões. (...) A estruturação da vida em comunidade, aliada a melhoria da qualidade de vida e aos programas de vacinação, prevenção e acompanhamento médico, vem gerando condições sanitárias favoráveis para crescimento demográfico dos Dâw. “(Lasmar, 2001 p.290)

O problema do alcoolismo também vem diminuindo. Atualmente entre os 39 que bebiam todas as semanas, 31 dizem não beber mais. Os moradores da região reconhecem as mudanças pelas quais o povo tem passado e de que nem todos são dependentes da cachaça e do álcool.

A escola tem sido um lugar onde essas mudanças são bem visíveis, como é o caso da seguinte redação de um aluno da 4ª. série primária.

*“O álcool faz mal com [para] as pessoas e [vai] queimando. Eles bebem, família fica triste com eles quando eles bebem. O álcool mata as pessoas também. Isso não é bom para nós. Quando eles bebem, eles ficam batendo e gritando nas casas dos outros. Aí aqueles que não bebem ficam zangado com eles. Nós não podemos fazer isso é ruim. Eles passam mal. Quando as pessoas ficam boas [depois da ressaca], elas também ficam tristes. É muito bom*

*quando a gente não bebe. Hoje em dia os Dâw não bebem mais o álcool. Quando eles bebiam o álcool, alguns costumam até machucar os outros. Por isso, hoje em dia eles não bebem mais. Antigamente os Dâw também tinha caído nas ruas. Era muito triste, mas agora em dia os Dâw não bebem mais. Mas têm ainda alguns que bebem ainda. Não é bom beber o álcool. Eu gostaria que Dâw não bebesse o álcool, quando eles bebem é feio.” ( 06/07/2001).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tentamos demonstrar a importância da história e do contexto cultural de todo o ambiente em que uma determinada sociedade, neste caso os Dâw, está inserido, e como tal inserção influencia o comportamento e as ações dos mesmos, levando-os ao estado de embriaguez constante. De acordo com Felix (1998), a pesquisa deve ser a tentativa de uma investigação, na qual o passado não é buscado como algo morto ou como curiosidade, mas sim como uma experiência vital que, ao permitir a compreensão do presente, se transforme em uma “força mobilizadora” para o futuro.

Durante muito tempo, os Dâw foram explorados e viveram sob a pressão do contato, tanto com índios ribeirinhos quanto com os brancos. Ao adaptarem-se a esta situação, tudo indica que criaram alternativas para enfrentar essa “nova (des) ordem” imposta, e uma dessas alternativas foi viver em um constante estado de embriaguez.

Entretanto, os Dâw, através da conscientização sobre os efeitos negativos que a utilização do álcool trás para saúde, a família e a comunidade, e também da valorização da língua e do indivíduo como filho de Deus, muitos estão passando por um processo de mudanças, deixando de ficar embriagados com frequência. Nos dias atuais, apenas 08 indivíduos, 06 homens e 02 mulheres, ainda podem ser vistos de vez em quando, andando pela cidade em estado de embriaguez. Entretanto, esses mesmos indivíduos conseguem ficar semanas sem beber.

O próprio povo, consciente da exploração a que foi submetido, está se “mobilizando” e se esforçando para tentar viver uma vida de melhor

qualidade. Eles abandonaram as relações que os prendiam ao fábriço e a débitos sem fim. Têm investido na formação de roças e pomares para sua própria subsistência e troca por produtos industrializados há muito incorporados às suas necessidades. Os mais velhos e doentes têm acesso à aposentadoria rural, garantida a eles por lei. Ajudados pela prefeitura e pela Funai, construíram uma escola, e por conta própria, uma palhoça para reuniões. Escolheram seus líderes, o que se contrapõe a uma longa história, em que suas ações eram decididas por patrões. A assistência à saúde, através de programas preventivos, vacinação e acompanhamento médico, tem contribuído para o declínio da mortalidade infantil e melhoria da qualidade de vida.

Alem disso, a influência da igreja entre eles tem levado a uma situação de mudança no grupo gerando novas perspectivas para a solução do problema do abuso do álcool e a conseqüente marginalização sofrida pela população diante da sociedade gabrielense. As crianças quase não têm experiências de pais alcoolistas, como acontecia no passado e a escola e as reuniões de oração as noites e os cultos dos finais de semana com muita freqüência enfatizam a importância de se manter sóbrio e andar em obediência com a Palavra de Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Elias C. *Patrões e fregueses no Alto Rio Negro: As relações de dominação no discurso do povo Dâw*. Monografia, São Gabriel da Cachoeira: Universidade do Amazonas, 2001.
- ATHIAS, Renato. *Representação Social do Alcoolismo entre os Pankararu- Projeto de Pesquisa*. Núcleo de Saúde Pública da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.
- COMMONWEALTH OF AUSTRALIA. *Alcohol Report, Discrimination act 1975, Race Discrimination, Human Rights and Distribution of Alcohol*"- Canberra: Australian Government Publishing Service, 1995.
- BASBAUM, Leôncio. *Alienação e Humanismo* São Paulo: Símbolo, 1977.
- BECERRA, Gabriel Cabrera, CALVO, Carlos E. Fracky; RUBIO, Mahecha *Los Nukak: Nómadas de la Amazonia colombiana*"- Santa Fé de Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Fundación Gaia – Amazonas, 1999.
- BESSA FREIRE, José Ribamar (coord.), *A Amazônia Colonial (1616-1798)* , 4<sup>a</sup>. ed, Manaus: Metro-Cúbico, 1991.
- BRADY, Maggie. *The social meaning of petrol sniffing in Australia*, Canberra: Aboriginal Studies Press, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Giving away the grog, Aboriginal accounts of drinking And not drinking* - Canberra: Commonwealth Department of Human Services and Health, 1995.

- \_\_\_\_\_ *The grog book- Strengthening indigenous community Action on alcohol- Commonwealth Departament of Health and Family Services, Canberra; 1998.*
- BUCHILLET, Dominique, *Os índios da região do Alto Rio Negro: História, etnografia e situação das terras*, Brasília, 1997 (ms)
- FELIX, Loiva Otero. *História e memória - a problemática da pesquisa - Passo Fundo: EDIUPF, 1998.*
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico, que todo mundo precisa saber, inclusive você. Explicitações das normas da ABNT 7ª. Ed., Porto Alegre: Dactilo-Plus, 1999.*
- GALVÃO, Eduardo. *Aculturação indígena no rio Negro; Belém: Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, n.s., Antrop.7; 1959.*
- \_\_\_\_\_ "Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LASMAR, Cristiane, "Missão Reverte situação da Comunidade Dâw" In RICARDO, Carlos Alberto (ed), *Povos Indígenas no Brasil 500* , Instituto Socioambiental, São Paulo, 2000 (p.290)
- MACANDREW C. & R B Edgerton *Drunken Comportament*, Aldine Publishing Co.,Chicago, 1969
- MARTINS, Silvana. *Análise da morfossíntaxe da língua Dâw (Maku-Kamã) e sua classificação tipológica - Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 1994.*

- MEIRA, Márcio. *O tempo dos padrões - extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié do Alto Rio Negro* - Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 1993.
- NIAASA-National Institute on Abuse and Alcoholism. *Alcohol Alert - Alcohol and Minorities* - ([www.americoncel.com](http://www.americoncel.com)) Informação pela Internet, site conectado em 02/02/2001.
- NIMUENDAJU Curt. *Reconhecimentos dos rios Içana, Aiari e Uaupes, In Textos Indigenistas*. São Paulo, Edições Loyola, 1982 P.169
- OLIVEIRA, Ana Gita de, POZZOBON, Jorge, MEIRA, Márcio. *Relatório Antropológico. Área Indígena Médio Rio Negro, Área Indígena Rio Apaporis: Área Indígena Rio Têa*, Brasília: GT/FUNAI, 1994.
- OLIVEIRA, Marlene. *“Alcoolismo entre os Kaingáng: do sagrado e lúdico à dependência*, Londrina: Secretária de Ação Social-Prefeitura Municipal, 1999 (mimeo)
- RADAMAN, Graciela, FREITAS Maria C. Informação pela Internet ([www.unorpnet.com.br/leiaja/alcoolismo.htm](http://www.unorpnet.com.br/leiaja/alcoolismo.htm)), site conectado em 01/02/2001.
- RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a Civilização: A integração das populações indígenas no Brasil Moderno*, 3ª ed., Petropolis, Vozes, 1979.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*, 3a ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVERWOOD-COPE, Peter. *Os Maku: povo caçador do Noroeste da Amazônia*. Brasília, Editora UNB, 1990.

VIERTLER, Renate Brigitte, “Alcoolismo entre os Bororos” In CNESQUI, Ana Maria (org) *Ciências Sociais e Saúde para o Ensino Médico*. Editora Hucitec/FAPESP, 2000 (P.243-261)